

Três poemas filosóficos

*Pedro Rego*¹

I

Amor platônico

O amor, para Platão,
é o desejo da posse eterna
de alguma coisa bela.
Pode ser varão ou donzela
arte, ciência, constituição.
No fundo tanto faz.
É sempre a beleza que atrai
e ao coração apraz.
E desse fenômeno
de que somos presa
ele tinha a certeza
de ser esta a explicação:
todo mundo está grávido
no corpo ou na alma

¹ Poeta e filósofo. Autor da coletânea de poemas *Nuga* (7Letras). E-mail: pedromrfs@gmail.com

e num momento dado
perde-se a calma
e vêm as dores do parto.

A única saída
para a criatura aflita
é a criação
e esta não dispensa
a beleza, sua presença.

Há, além disso,
outro princípio ativo:
quem cria compartilha
da natureza imortal
e não morrer
veja
geral deseja.

Mas há quem conteste e diga
que esse amor platônico
é tirânico, egoísta
e muito pouco romântico.

A coisa amada é só uma pedra
no rio, um degrau
na escada

devendo ser descartada

logo depois de usada.

Amor mesmo, de verdade,

dizem

é o que Aristóteles disse da amizade:

o desejo pelo bem do outro

por si mesmo

não pelo próprio conforto.

O mistério

do amor aristotélico

do amor-amizade

é o velho mistério

da boa vontade.

Eu dizia isso

para a namorada

que perguntava

insistente

‘Por que você me ama?’

pra que ela entendesse

que a coisa é complicada

e não vai ser solucionada

assim, na cama.

II

Medo da morte

Eu tenho medo da morte
desde sempre,
desde que me dou por gente.

Não é medo da dor
nem da má sorte,

é diferente,

é um medo assim meio indecente

do fim

de mim.

Mas medo talvez não seja exatamente

o termo.

É uma vertigem

quente,

é um sentir presente

meu eu futuro

ausente,

é sentir que o buraco é sem fundo

e que a eternidade é real

feito esta pedra

feito este muro de cal

feito este murro.

E então a vida em mim

grita

e a noite em mim

cresce

e nenhuma estrela aparece

e nenhuma brisa se agita

e tudo de mais sólido derrete

e só a eternidade resplandece

infinitamente

inerte.

Essa queda, essa descida

é a experiência fundamental

da minha vida.

E quando eu estou assim perdido

sentindo que não mais existo

eu me acalmo fingindo

que creio em Cristo.

Eu sei, é ridículo,

esse homem tremendo sozinho

no breu.

Mas será que sou só eu?

III

O pessimismo

Um filósofo alemão

que todo mundo conhece

dizia que a vida é ruim

e vai ficando cada vez pior

até que o pior de tudo acontece.

A máxima é exemplar pela concisão.

Mas é verdade? Eis a questão!

Porque repare: a vida

não é escolhida

após cuidadosa deliberação.

Nós vivemos talvez

mais por essa coisa inusitada,

o medo do Nada,

do que por amor legítimo

à Criação.

Desse modo,

a despeito da nossa inclinação,
pode muito bem ser
que esse nosso esquema
não valha realmente a pena
e seja no fundo uma pecha,
a famosa conta
que não fecha.

Mas voltando, então,
à questão aventada,
esse pessimismo do alemão,
eu acho,

é uma coisa exagerada.

É bem verdade que a velhice
não é a melhor idade
como quer a companhia aérea.

A velhice
qualquer pessoa honesta admite
é uma merda.

Apesar disso,
não se assuste, pessoa,
se eu disser (e digo):
a vida é boa.

Foi assim:
o Sol é bom, a chuva é boa, todo ruído é música,
eu li um dia,
na livraria
(era domingo)
e eu fui salvo do pessimismo.
Medita, amigo leitor,
no que encerram
estas palavras rústicas,
o Sol é bom
a chuva é boa
todo ruído é música,
e diga
com sinceridade
se não é verdade que,
contrariando um outro medalhão,
a gente vive é por gosto
não por obrigação.

Recebido em: 03/01/2015
Aprovado em: 20/05/2015